

# RÚSSIA

REVOLUÇÃO E  
GUERRA CIVIL 1917-1921



ANTONY  
BEEVOR

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# RÚSSIA

REVOLUÇÃO E  
GUERRA CIVIL 1917-1921

CRÍTICA

*Tradução*

Luis Reyes Gil

*Revisão técnica*

João Simões

ANTONY  
BEEVOR

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Ocito Ltd, 2022  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024  
Copyright da tradução © Luis Reyes Gil, 2024  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *Rússia – Revolution and Civil War: 1917-1921*

*Coordenação editorial:* Sandra Espilotro  
*Preparação:* Ligia Alves  
*Revisão técnica:* João Simões  
*Revisão:* Ana Maria Fiorini e Fernanda Guerriero Antunes  
*Diagramação:* Negrito Produção Editorial  
*Capa original:* James Jones  
*Imagem de capa:* Alamy  
*Adaptação de capa:* Renata Spolidoro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Beevor, Antony  
Rússia : revolução e guerra civil, 1917-1921 / Antony Beevor ; tradução de Gil  
Reyes. – 1. ed. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.  
668 p. : il.

Bibliografia  
ISBN 978-85-422-2718-5  
Título original: *Russia: Revolution and Civil War 1917-1921*

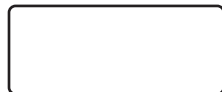
1. Rússia – História - Revolução, 1917-1921. I. Título. II. Reyes, Gil.

24-1967

CDD 947.0841

Índice para catálogo sistemático:

1. Rússia – História – Revolução, 1917-1921



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação  
São Paulo – SP CEP 01415-002  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# O SUICÍDIO DA EUROPA

1912-1916

O ritmo do crescimento industrial na Rússia antes da Primeira Guerra Mundial produziu um inebriante excesso de confiança nas classes governantes. O desastroso conflito com o Japão, menos de uma década antes, havia sido esquecido. O partido favorável à guerra em São Petersburgo tornou-se mais vociferante, exigindo um ataque à Turquia depois que ela fechou o Dardanelos em 1912. Mesmo o antes cauteloso ministro do Exterior, Serguêi Sazónov, mostrava-se ultrajado com a maneira como a Rússia havia sido tratada pelos Impérios Alemão e Austro-Húngaro na questão da Primeira Guerra dos Bálcãs. Assim, quando Viena lançou seu ultimato à Sérvia após o assassinato, em junho de 1914, do Arquiduque Francisco Ferdinando em Sarajevo, Sazónov solicitou ao chefe do estado-maior que preparasse o exército para a guerra. Disse ao Czar que se a Rússia falhasse em dar apoio a seus compatriotas eslavos na Sérvia isso constituiria uma humilhação fatal. Nicolau II sentiu-se obrigado a concordar com as convocações para o primeiro estágio da mobilização parcial, mas então os comandantes do exército insistiram que, se a Rússia se mobilizasse contra os exércitos austro-húngaros, as forças russas teriam que se mobilizar ao longo de todas as fronteiras centrais e do norte contra os alemães.

Grigóri Raspútin, conselheiro da família imperial e curandeiro místico, estava ausente da capital. Naquele fatídico verão, voltara à sua terra natal, a Sibéria, onde recebeu a notícia da correria relacionada com a guerra num telegrama da Czarina. Saiu imediatamente para enviar uma

resposta e aconselhar o Czar a resistir à pressão, mas uma camponesa emboscou-o, apunhalando-o no estômago. A mulher era uma seguidora de Iliódor, um ex-padre que se tornara seu inimigo e o denunciava como libertino e falso profeta. Raspútin quase morreu e passou um tempo incapacitado num hospital. Ao recuperar a consciência e saber que a mobilização havia sido ordenada, insistiu em enviar o telegrama alertando que a guerra destruiria tanto a Rússia quanto os Románov. Essa oportunidade final de persuadir o Czar a resistir contra todos os beligerantes à sua volta chegou tarde demais, mas provavelmente teria feito pouca diferença.

O medo de todo o estado-maior da Rússia de que as Potências Centrais pudessem mobilizar-se mais rapidamente não era o principal fator para a escalada da guerra, que, na realidade, havia sido a determinação da Áustria de esmagar a Sérvia antes que as potências europeias pudessem intervir. A Alemanha recusou-se a detê-los. O general Helmuth von Moltke, chefe do estado-maior alemão, chegou a estimular os austríacos a ignorarem qualquer apelo de moderação de seu próprio governo e levarem adiante seu ataque. A diplomacia e as conexões reais tiveram poucas chances de intervir. A guerra era importante demais para ser deixada por conta dos generais, como o primeiro-ministro francês, Georges Clemenceau, logo observaria.

Depois que a guerra foi declarada, as coisas só poderiam ir de mal a pior para a “massa cinza” de soldados-camponeses russos. No total, 15,3 milhões de homens seriam convocados para o exército e a marinha. Após a derrota na Batalha de Tannenberg e depois da infame “Grande Retirada” em 1915, em seguida à vitória alemã de Gorlice-Tarnów (a sudeste de Cracóvia), ressentimento e suspeitas de traição na corte instalaram-se tanto entre oficiais quanto entre os soldados. Logo começaram conversas sobre o “domínio alemão”, em parte porque havia muitos generais com sobrenomes de origem teutônica ou escandinava. Mas a maioria amaldiçoava a Czarina alemã e a camarilha dela, dominada por sua eminência parda, Raspútin. O dissoluto monge interferiu com descarada corrupção em nomeações depois que o Czar tomou a estúpida decisão de assumir pessoalmente o controle dos exércitos na *Stavka*, o alto-comando das Forças Armadas, em Mogilev.

A vida nas trincheiras para os soldados russos ao longo de todo o front, que corria pelas províncias do Báltico, Polônia, Bielorrússia, Galícia e Romênia, era uma experiência desumana. “Depois que se enterram no chão”, escreveu Máksim Górkí, “eles vivem no meio da chuva e da neve, na imundície, amontoados; estão sendo exauridos por doenças e comidos por vermes; vivem como animais.” Com uma desesperadora escassez de munições, muitos nem sequer tinham botas e recorriam a calçados rústicos feitos de casca de bétula. As estações de tratamento de feridos no front eram quase tão primitivas quanto as da Guerra da Crimeia.

Tentativas de modernização falharam desastrosamente. “O mais recente desenvolvimento tecnológico finalmente chegou até nós”, escreveu com amargura em seu diário Vassíli Krávkov, um veterano médico da equipe. “Estou falando das 25 mil máscaras de gás para a nossa tropa. Haviam sido testadas pela suprema comissão presidida por nosso alto ‘paxá’, o Duque de Oldenburg. Fiz uma espécie de teste colocando máscaras de gás em meus enfermeiros. Dois minutos mais tarde, começaram a sufocar. E eles esperam que equipemos todos nas trincheiras com aquela coisa!”

Os departamentos de censura do Exército deviam nutrir poucas ilusões a respeito da condição do moral da tropa no front ao ler as cartas que os soldados enviavam para casa. Muitos se queixavam de estar sendo superados largamente em armamento pela artilharia alemã e da atitude profundamente insensível dos oficiais em relação a eles. Os homens ficavam brutalizados ou traumatizados pelo que viam. “Os cadáveres ainda estão largados ali”, escreveu alguém numa carta. “Os corvos já comeram seus olhos e há ratos rastejando sobre seus corpos. Ah, meu Deus, essa terrível visão não pode ser descrita nem imaginada.”

Outro soldado escreveu sobre uma vala comum que oficiais haviam ordenado que cavassem e enchessem com seus próprios mortos. “Recolhemos os corpos do campo de batalha, cavamos um buraco que tinha trinta braças de comprimento e quatro braças de profundidade.\* Colocamos todos ali, mas, como ficara tarde, cobrimos metade do buraco com terra e deixamos a outra metade para cobrir na manhã seguinte. Deixamos uma sentinela e o que aconteceu foi que um dos mortos

---

\* A medida citada no original, o *fathom*, equivale a cerca de 1,8 metro (N.E.).

escalou e saiu do buraco à noite, e foi achado sentado à beira da vala, enquanto alguns outros haviam se virado, porque não tinham sido mortos, apenas feridos, e estavam em choque pelas explosões de fortes bombas. Isso acontece com bastante frequência.”

Havia intenso ressentimento causado pelo contraste entre as condições dos oficiais e as dos demais soldados. Muitos oficiais recolhiam-se todas as noites para o calor e relativo conforto das isbás\* de camponeses atrás do front, enquanto seus soldados e sargentos eram deixados no frio e na penúria das trincheiras. “O soldado comum que lidera o ataque para a Pátria-Mãe recebe paga de 75 copeques\*\* [por mês]”, um dos recrutados escreveu em carta para casa. “O comandante de companhia que vem atrás recebe quatrocentos rublos, e o comandante de regimento que fica mais atrás ainda ganha mil rublos... Alguns têm bons pratos e bebida alcoólica e prostitutas sob a bandeira da Cruz Vermelha, enquanto os outros passam fome.”

A ideia de que as enfermeiras da Cruz Vermelha estivessem ali apenas para o conforto sexual dos oficiais era quase obsessiva, embora houvesse um fundo de verdade. O doutor Krávkov, chefe dos serviços médicos de todo um corpo do exército, registrou a maneira como um de seus colegas foi demitido. “Foi muito simples. O médico mostrou-se muito reticente e não sucumbiu às solicitações da camarilha do quartel-general para montar um bordel usando suas enfermeiras... Não era nada estranho para mim. Já havia visto isso no Décimo Exército e foi uma das razões da minha saída de lá.”

Oficiais ofereciam às estudantes de Odessa que estivessem em situação mais difícil centenas de rublos por fotos delas nuas: “Por favor, escreva para mim se estiver pronta para ser fotografada uma vez mais, com mais detalhes”, escreveu um jovem oficial. E então disse que se ela visitasse o regimento poderia ganhar até mil rublos.

Enquanto os oficiais se divertiam, os soldados comuns não tinham permissão para ver as esposas, nem mesmo em áreas bem distantes do front. Evdokía Merkúlova, a jovem esposa analfabeta de um cossaco na

---

\* Típicas moradias de camponeses russos, feitas de toras de árvores e argila. Equivalentes a chalés (N.E.).

\*\* Nome dado à moeda usada na Rússia, que equivale a um centésimo de rublo (N.E.).

9ª Sótνια\* Independente do Don, não conhecia essas normas e foi visitar o marido no início de dezembro de 1916. Teve a coragem de fazer uma queixa formal após o tratamento que recebeu do comandante do esquadrão dele. “O comandante da sótnia Mikhail Rissákov logo foi informado da minha chegada”, dizia o depoimento que ela ditou. “Não sei por que, mas em 5 de dezembro ele ordenou que a sótnia ficasse em formação e me fez deitar de bruços diante deles. Dois cossacos receberam ordens de levantar e enrolar minha saia e minha camiseta e segurar meus braços e pernas. O comandante ordenou que meu marido chicoteasse quinze vezes meu corpo nu. Controlou pessoalmente a execução da punição e ameaçou meu marido, dizendo que os golpes tinham que ser aplicados com toda a força, e sobre a pele, não sobre as roupas. Meu marido ficou com medo de seu chefe e deu chicotadas que tiraram sangue e que ainda estão sarando. Então fui enviada de volta, para atravessar o Don sem nenhuma escolta.”

Na condição de bucha de canhão, o soldado-camponês odiava a guerra, a lama, os piolhos, a comida ruim e o escorbuto. O doutor Krávkov ficava desesperado ao ver a dieta deles. “Outra entrega de alimentos chegou, desta vez de Orenburgo”, anotou no seu diário. “Consistia em mil puds\*\* de pernis e salsichas, tudo podre! A nossa mãe Rússia inteira está apodrecendo.”

A estação chuvosa chegou em outubro de 1916 com uma intensidade que perturbou Krávkov. “O doutor Tolchíonov, que eu havia despachado para as posições a fim de investigar as condições sanitárias, fez um relato de arrepiar os cabelos sobre a horrível situação na qual nossos malfadados soldados estão vivendo: em lama que chega ao peito deles, sem abrigo contra o mau tempo, sem roupas quentes, nem comida ou chá quente.” Duas semanas mais tarde, escreveu: “Recebemos reforços, uns garotos imaturos a não mais poder. Foram mandados para um ataque de baionetas no dia seguinte... Foi uma cena impactante quando muitos deles, que não queriam morrer, ficaram gritando em desespero: ‘Mamãe!’”. As autoridades militares suprimiam notícias de motins, que eram sufocados cruelmente.

---

\* A sótnia é uma companhia de cem cossacos (N.E.).

\*\* Um pud equivalia a pouco mais de dezesseis quilos.



\*

Naquele inverno em Petrogrado, as críticas ao governo não vieram apenas de liberais e da esquerda. Alguns ultraconservadores, como o político Vassíli Chulgín, ficaram chocados com a irresponsabilidade dos ricos, indiferentes ao fato de as baixas russas serem o dobro das dos inimigos alemães e austro-húngaros. “E assim estamos”, escreveu ele com amargura, “dançando o ‘último tango’ nos parapeitos de trincheiras lotadas de cadáveres.” Chulgín estava furioso com os boatos e teorias da conspiração que corriam pelos salões da capital, especialmente os “rumores de traição”. Ele culpou o líder do Partido Kadete, Pável Miliúkov, por seu discurso sensacionalista quando a Duma Estatal voltou a se reunir em 1º de novembro.\* Os ataques selvagens de Miliúkov aos ministros do Czar assustaram os presentes porque ele usualmente se mostrava muito moderado. Agora, denunciava abertamente “forças ocultas agindo em benefício da Alemanha”. Ovacionado, depois de cada exemplo que dava de incompetência, ele martelava a pergunta retórica: “E o que é isso? Estupidez ou traição?”.

A corrupção disseminada na capital chocava os jovens oficiais na front. “É sabido que todo tipo de golpista no entorno da Grã-Duquesa Maria Pavlóvna arranja bons cargos em troca de propinas”, um jovem oficial de cavalaria do Sétimo Exército escreveu à sua noiva, que queria garantir um cargo para ele na retaguarda. “Mas eu imploro que você não suborne ninguém. Quero viver e morrer como um nobre.”

Até mesmo os firmes apoiadores da monarquia se desesperavam. A obstinação do Czar vinha quase inteiramente de sua natureza fraca. Contrariando todos os conselhos, ele insistira em assumir como comandante supremo em lugar de seu primo, o extremamente alto Grão-Duque Nikolai Nikoláievitch, após as desastrosas retiradas de 1915. Wavell considerava o Grão-Duque “o homem mais bonito e impressionante que já conheci. Não era brilhante nem havia lido muitos livros, mas tinha muito bom senso e caráter”. Seu sobrinho, Nicolau II, infelizmente

---

\* O Partido Kadete, ou Partido Constitucional-Democrata (KD), era um grupo liberal de centro que abrigava tanto monarquistas moderados como republicanos. Foi fundado por Miliúkov em 1905, apoiado principalmente por acadêmicos, advogados e membros mais esclarecidos da classe média, inclusive judeus, pois defendia a emancipação destes últimos.

não tinha essas duas qualidades. “Autocracia sem um autocrata é uma coisa terrível”, observou Chulgín.

Uma das principais razões pelas quais o Czar se enfiou na *Stavka* em Mogilev era que preferia estar rodeado por oficiais leais a enfrentar políticos críticos a ele. Ele deixou a administração do país nas mãos da Czarina e de Raspútin, recusando-se terminantemente a nomear um governo de ministros da Duma. No entanto, sua presença no quartel-general de Mogilev era puramente simbólica, e a *entourage* garantia que quaisquer incursões que ele fizesse pelo front fossem cuidadosamente preparadas.

“O chefe do estado-maior do general Dólgov contou-nos no jantar, sem qualquer indício de ironia, os preparativos para a visita do Czar”, escreveu o doutor Krávkov no seu diário. “Todos os soldados foram trazidos de volta das trincheiras, e passou-se a noite vestindo-os com uniformes e equipamento novos. Toda a artilharia recebeu ordens para abrir fogo na hora em que a visita real começou, e, nas palavras dele, ‘foi encenada uma batalha’. O Czar ficou feliz e agradeceu a todos, e nosso bravo guerreiro foi condecorado com a Cruz de São Jorge por sua representação bem-sucedida.”

Naquele inverno de 1916, ninguém em Mogilev atreveu-se a comentar com o Czar os boatos que corriam em Petrogrado. Panfletos revolucionários a respeito de Raspútin haviam começado a aparecer, como “As Aventuras de Gríchka”, com insinuações sobre orgias com a Czarina e até mesmo com as filhas dela. Essas fantasias pornográficas lembravam aquelas outras caricaturas de mais de um século antes em Paris contra Maria Antonieta e a Princesa de Lamballe. Era inevitável que tais histórias grotescas transformassem Raspútin, o suposto camponês perversor da alta nobreza, em algo como um herói popular.

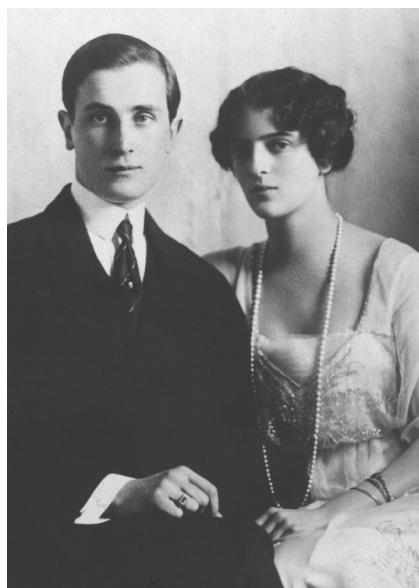
O assassinato de Raspútin em 17 de dezembro pelo Príncipe Félix Iússupov, o Grão-Duque Dmítri Pávlovitch e Vladímir Purichkiévitch, o líder das antissemítas Sótneas ou Centúrias Negras,\* aumentou a impressão de corrupção aristocrática na capital. A ideia de Iússupov de usar sua esposa Irina, a bela sobrinha do Czar, como isca para o perverso monge acrescentava um toque lascivo ao drama. A imaginação do

---

\* As Centúrias Negras eram grupos reacionários monarquistas, nacionalistas e antissemítas apoiados por Nicolau II.



Raspútin com o Czar e a Czarina.



Príncipe e Princesa Iússupov.

público foi tomada principalmente pelas dificuldades que os conspiradores haviam tido para matar Raspútin – o bolo envenenado, os vários tiros de revólver e finalmente o descarte de seu imenso corpo num buraco no gelo, debaixo de uma ponte, de modo a ser encontrado apenas dois dias mais tarde.

O profundo cinismo que se disseminou na retaguarda criou uma apatia perigosa. Um oficial chamado Feduliênko, de volta do front, foi convidado por seu coronel para um almoço. “Dois oficiais da Guarda estavam sentados perto de nós”, registrou. “Eles começaram a falar a respeito de Raspútin; fiquei chocado com a conversa deles.” Eles repetiram as fofocas sobre a Czarina e Raspútin e disseram que o Czar era um fraco. “Depois, quando voltava com o coronel para Oranienbaum, perguntei por que uma coisa asquerosa como aquela havia sido permitida, por que aqueles dois jovens que estavam envergonhando seu Imperador não haviam sido repreendidos. Eles falavam em russo na frente dos criados, que eram capazes de entendê-los.” O coronel fez um gesto de resignação com a mão. “Ah”, disse ele, “a derrocada já começou. Tempos terríveis nos aguardam.” O doutor Krávkov não tinha nenhuma dúvida em relação a isso. “Seja qual for o resultado da guerra, haverá uma revolução.”